

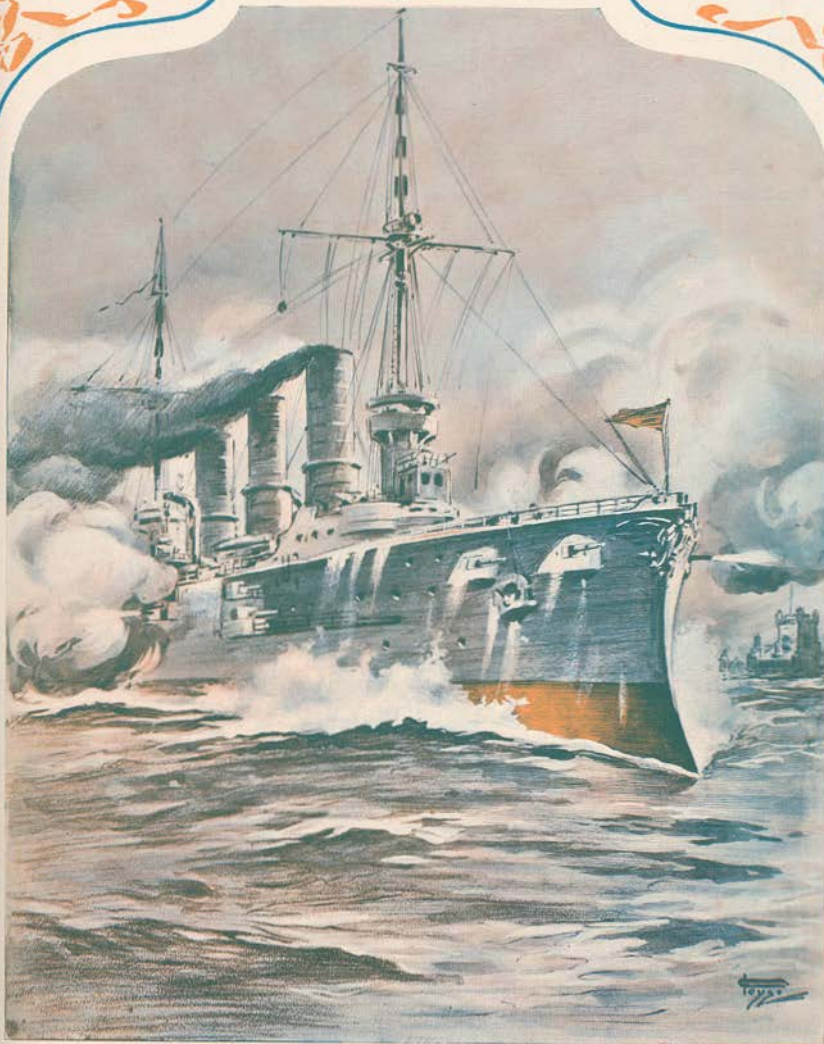
# Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
**CARLOS MALHEIRO DIAS**  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
**FRANCISCO TEIXEIRA**

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
**J. J. DA SILVA GARCIA**  
\*\*\*

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 42 - LISBOA



Como um grande couraçado pôde bombardear Lisboa  
(Desenho de ALONSO)

Assinatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colónias e Hespanha

Por anno..... 4\$800 réis  
 " semestre..... 2\$400 "  
 " trimestre..... 1\$200

Assinatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Ilustração Portuguesa»

Por anno..... 8\$000 réis  
 " semestre..... 4\$000 "  
 " trimestre..... 2\$000 "  
 " mez (em Lisboa)..... 700 "

Portugal, colónias e Hespanha



Meio seculo de successo

# ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**

A venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

# ERNST GEORGE

## SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

*Viagens ao Egypto e no Nilo*

*Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte*

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS A TERRA SANTA

FARINHA  
LACTEA

# NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO  
para crianças e pessoas  
edosas.

Para encadernar a

# ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

vale do correio ou sellos em carta acompanhada do indice e frontispícios respectivos.

Administração do SECULO

Já estão á venda tantas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da Ilustração Portuguesa.

PREÇO 360 RÉIS

Enviem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em

LISBOA

# BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

GOTA

NEURALGIAS

D<sup>r</sup> BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



# Musa

Canta... Na sua voz um mysterio palpita  
Como na voz do Mar!  
— Triste, é a noite funda em que a luz treme e hesita,  
Alegre, é como um Sol que rompesse a cantar!

Musas, vinde cercal-a! E' vossa irmã tambem.  
E para a minha vida, ansiosa de Belleza,  
Sabe os gestos de irmã e de amante e de mãe  
Que dão gloria e certeza!

Passa distante — e foge... Uma estrella no ar  
Não ficará tão longe e exul da minha mão!  
Cantando, a sua voz é como a voz do Mar:  
Mal a podem calar os gritos de paixão...

Só a ambição da Arte a persegue e fascina,  
Mas, se a Arte é suprema, a vida é bem maior.  
Musa não queiras ser tão longinqua e divina,  
Que o teu olhar se turve e a tua face core!

Desce á Terra: os teus pés sobre o solo fecundo,  
O teu peito collado ás arvores seivasas,  
Abre o teu coração ao desejo do mundo,  
Beija as hervas do chão, corôa-te de rosas!

Não temas a volupia: a volupia é sagrada...  
Quem nos ha de acordar a alma, se não for  
A palavra que é dita e quasi que beijada  
Entre um beijo mais longo e um silencio d'amor?

Vive, vive e sê linda e sadia e sincera...  
Se na tua voz se ergue o mysterio do Mar  
Deixa-a tambem dizer essa inquieta chimera  
Que do teu peito sobe á flor do teu olhar.

Deixa-a tambem dizer o que a Terra te diz  
No esforço doloroso e occulto das sementes:  
Todo o rythmo sem fim das seivas juvenis,  
A promessa do trigo e dos vergéis contentes!

E sobretudo canta a ansiedade brutal  
Dos que tentam cravar, na hora fugidia,  
Garras fortes, prendendo o sonho mais coreal,  
Boccas arfantes e sedentas de alegria.

Musa! serás depois a Inspiradora certa  
Porque ha de então brilhar, florir na tua graça  
— Como o orvalho do Céu na manha que desperta —  
O sorriso immortal da Belleza que passa!

30 — VIII — 1909.

JOÃO DE BARROS.



# A Moda



1—Um chapéu modelo da casa Alphonsine  
2—Modas de Rivain & Co: Sola  
e casaco de lã azul Roy com applicações bordadas  
a preto e gravata Liberty

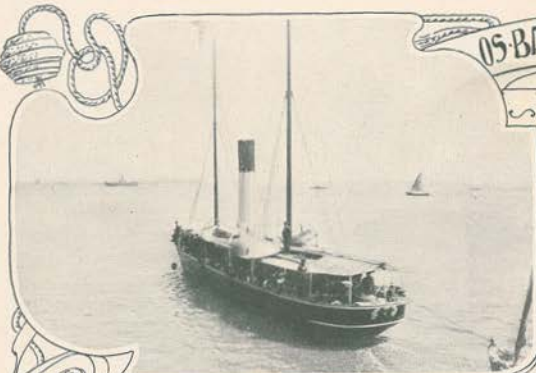


A *Ilustração Portuguesa* prima em não esquecer nunca os legítimos direitos das suas leitoras amáveis, e a melhor prova que d'esse meticoloso cuidado pôde dar-lhes consiste na reprodução das magnificas photographias das ultimas novidades da moda parisiense, que lhe são expressamente enviadas pelo seu correspondente especial, e que supplantam sempre os desenhos e estampas da maioria dos melhores jornaes de modas, não só pelo primor da execução, como pela selecta elegancia dos modelos. Os que apresentamos hoje, por exemplo, estamos certos de que não deixarão de merecer, pelo seu bom gosto, o mais sympathico acolhimento das nossas leitoras, para quem cuidadosamente foram escolhidos.



*Modas de Rodfern: Vestido com bainha de musselina Liberty preta, véu Mignon sobreposto e guarnição de vidrilhos (Clichés de VRLIX)*

# OS BANHOS ÀS CRIANÇAS POBRES NA TRAFARIA



1—O vapor da alfândega, que conduz todas as manhãs os pequenos banhistas à praia da Trafaria  
2—As crianças da freguezia de Alcantara aguardando, em Lisboa, a ocasião do embarque

A puericultura começa a crear fóros de cidade,



3—As crianças da freguezia de Santa Izael  
4— Os pequenos banhistas acumulados já ré do vapor

felizmente, e o melhor testemunho d'isso é a forma como se organisou este anno a obra intelli-



mo da persistencia de todos os phenomenos tradicionais, resistiram contra o inconsciente assalto demolidor dos politicos, praticado em nome da liberdade, cada dia mais explorada para o commettimento de crimes varios. Temos, pois, o direito de suppôr que esta bella e proveitosa tentativa subsistirá, pela sua reconhecida e já comprovada utilidade social, proseguindo sob os excellentes auspicios que hoje a protegem.



1—Na praia da Trafaria esperando a vez de entrar no banho  
 2—Um aspecto do banho  
 3—Um grupo de banhistas preparadas para entrar na agua  
 4— O sr. dr. José Pontes dando o banho a algumas creanças



- 1—Distribuição de pão e leite às creanças
  - 2—O sr. Morato, socio da Cruz Vermelha, examinando uma creança
  - 3—Assistindo ao banho dos companheiros
  - 4—O sr. Antonio dos Santos, socio da Cruz Vermelha, fazendo um curativo
  - 5—O almoço na praia
- (Clichês de RENOLLEL)



# EM QUE CONSISTE A QUESTÃO RELIGIOSA?

A ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA ENTREVISTA O ILLUSTRE ESTADISTA CONSELHEIRO JOSÉ MARIA DE ALPOIM



1—O sr. conselheiro José Maria de Alpoim no seu gabinete de trabalho

Com os calores da época, sob a indolência pacificadora de que a atmosfera nos embebe cérebro e músculos durante os mezes caniculares, amortecendo-os para as grandes expressões da actividade, parece não poderem desenvolver-se e tomar forma idéas e movimentos que exijam esforço persistente. Mas o conflicto a que estamos assistindo, rijamente travado entre liberaes e reaccionarios, com a somma de afirmações, de incidentes que já hoje lhe imprimem relevo inapagavel, veiu mostrar-nos que ha interesses, que ha estímulos a realizar com mais predomínio sobre as cellulas do pensamento e da acção do que as influencias

do calor que o sol fecundo e cuidadoso derrama sobre nós. E assim é que, apesar das altas temperaturas da estação, apesar das legítimas ancedades de repouso, no bucolismo dos campos ou na serenidade tonificante das praias, que se apoderam dos homens a quem compete orientar e disciplinar situações como a actual, a questão clerical alastra, intensifica-se adquire firme-

za e entusiasmo, insinuando-se nos animos, avassallando as multidões, vibrando as energias de todos os que ainda se sentem capazes de lutar.

A *Illustração Portuguesa*, como publicação extranha a conflictos partidarios e a convulsões sectarias, conserva-se dentro da zona neutra em que não é permittido proporcionar forças a qualquer dos combatentes. Este facto não a impede, porém, de entrevistar uma das figuras dominantes nesta lucta—o sr. conselheiro José d'Alpoim—no desejo de transmitir aos que a leem a opinião, o limite das intenções do illustre homem publico, assinalando a intensidade do movimento através das suas palavras.

Em nome da *Illustração Portuguesa*, pois, procurei em sua casa o sr. conselheiro Alpoim.

Recebido com a amabilidade acolhedora e affavel d'um transmontano a quem a vida politica e a larga permanencia no ambiente





da cidade não dissolveram as características regionaes, communiquei-lhe o motivo da minha visita.

—Mas que queria eu que me dissesse?—perguntou, colhido de surpresa.

O que queria que me dissesse?... O que pensava acerca da questão clerical, ques-

chamada anti-religiosa. O que ella é, sim, é anti-clerical, anti-reaccionaria, anti-ultramontana. Não está nos seus intuitos demolir ou prejudicar o catholicismo. Por mim declaro-lhe mesmo que respeito a Igreja catholica portugueza com todos os seus usos, com todos os seus costumes, regalias e liberdades. Evidentemente—ao dizer Egreja



ção que ha mezes parecia reviver o espirito nacional para as suas responsabilidades historicas, para os commettimentos de energia e de bravura esquecidos depois das ultimas e desastrosas aventuras do seculo XVI. Que combatia a reacção já nós sabiamos—pelo parlamento e pelo jornalismo. Mas a *Illustração* desejava conhecer a opinião do sr. Alpoim relativamente aos effectos provaveis do conflicto nas crenças religiosas do paiz, quanto aos elementos que o provocaram, aos meios a effectivar para lhes moderar os impetus apaixonados e se seria possivel fazer observar esses meios dentro da actual organização politica.

—No meu entender—começou o chefe do partido dissidente, depois de breves objecções á curiosidade da *Illustração*—este movimento só beneficiará as crenças religiosas do paiz. Levanta-as, limpa-as de noções perturbadoras a que o clericalismo insidiosamente as tem affeioado, approximando-as da pureza compativel com a nossa cultura e o nosso sentimento. Por isso essa questão é falsamente



Um dos muitos pamphletos distribuidos na Europa por occasião da expulsão dos jesuitas de Portugal (Colecção do sr. Anibal Fernandes Thomaz)

ja portugueza não quero significar uma Egreja independente de Roma, pois que lhe cumpre reconhecer o Summo Pontífice como chefe—seu chefe espiritual. —Isto não lhe destroe características proprias, que a distinguem das outras, á semelhança do que se dava com a Egreja franceza durante a vigencia da concordata, á semelhança do que notamos na Egreja de qualquer paiz e principalmente na nossa Egreja, que durante seculos manteve caracter proprio, accentuado e inconfundivel.

Objecte que a dificuldade estaria talvez em reconstituir a physionomia quasi apagada d'essa Egreja, a physionomia em que se salientavam os traços essenciaes do nosso temperamento, das nossas virtudes, dos nossos defeitos, das nossas circumstancias sociaes e economicas diluidas ao attricto persistente das conveniencias jesuiticas.

—Reconstitue-se—asseverou o illustre parlamentar—restaurando e revigorando, segundo o espirito moderno, as leis de Pombal, d'Aguiar e de Braamcamprelati-





vas ás congregações religiosas e aos jesuitas, não permitindo que em Portugal, sob o pretexto de ensino, caridade, ou sequer oração, possam estabelecer-se aquellas collectividades. O clero portuguez, o clero secular, o que sae da massa geral da nação, que se cria e vive no amor da terra e da sociedade que o rodeia, logo que se liberte da astucia tendenciosa das ordens regulares, imprimirá á Igreja portugueza o caracter proprio, nacional.

O sr. conselheiro Alpoim alonga-se em considerações, fala do clero congreganista e dos seus esforços no sentido de amoldar á sua indole os padres seculares, tornando-os elemento extranho aos sentimentos geraes da nação e um instrumento passivo de manejo a favor da sua politica absorbente. A onda congreganista, invadindo Portugal nos derradeiros annos do seculo passado, espalha-se por todo o paiz, do-

mina nas localidades preferidas para se estabelecer, combatendo os parochos que se lhe não submettem, catechizando pelo pulpito, pelos jornaes, pela protecção ostensiva d'alguns bispos.

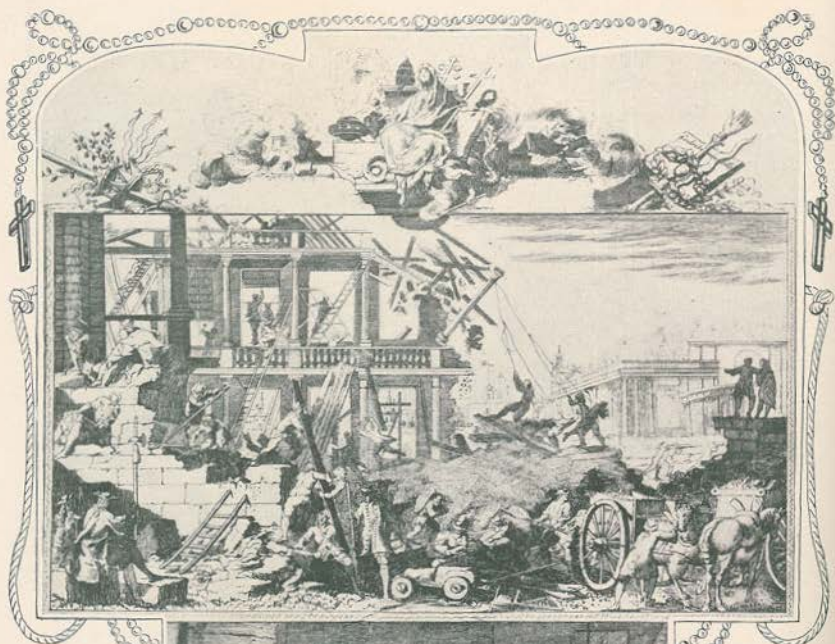
A entrada das ordens regulares no nosso territorio accentuou-se nos ultimos annos, sobretudo a seguir á expulsão de França das congregações religiosas, muitos membros das quaes se fixaram em Portugal, estabelecendo-se outros na Hespanha e na Italia. Tambem alguns nuncios, especialmente o sr. Vanuteli, concorreram para o desenvolvimento da reacção pela immigração do clero estrangeiro ou desnacionalizado — encontrando auxilio e estímulos em bispos reconhecida-mente ultramontanos.

—Eu sei que ha — acrescenta o eminente liberal — documentos publicos emanados officialmente d'alguns prelados, e en-



—As armas dos jesuitas ganhas pelos seus fillos.  
—Gravura italiana do seculo xviii. publicada por occasião da expulsão dos jesuitas de Portugal

2.—Joaquim A. d'Aguilar, 'O Mata-Frades'



tre elles do sr. cardeal patriarcha resignatorio, aconselhando o seu clero á leitura e ao affecto a determinados jornaes reaccionarios, que se destacam pela vehemencia com que hostilizam aquelles que aspiram á emanci-



cia do emissario que se mandasse a Roma para o contrariar e o numero de arcas abarrotadas de dobrões da India que o acompanhassem...

—Era frequente, na verdade, esse meio de suborno. O marquez de Pombal, por exemplo, ao entrar em lucta

**LOI DU ROY DE PORTUGAL.**

*Du 25<sup>e</sup> Janvier, et publiée le 6 Mars 1762.  
 Jesuites pour crime de lèse Majesté  
 Expulsiões Denaturalisações Proscripções et Destrucções  
 de tous les Royaumes, et Terras de la  
 domination Portugaise, et leurs biens confisqués, et réunis au Domaine du Roy,  
 Dédiés au Roy Par son tres humble Serviteur  
 Quoy dans les fins, un Prophète, un Apôtre  
 Un Saint fils de Loyola.*

*—r-oi qui condamne? lea  
 au dernier chef, d'estre Bannis,  
 de tous les Royaumes, et Terras de la  
 domination Portugaise, et leurs biens confisqués, et réunis au Domaine du Roy,  
 Dédiés au Roy Par son tres humble Serviteur  
 Quoy dans les fins, un Prophète, un Apôtre  
 Un Saint fils de Loyola.*

Gravura commemorando a  
(Da collecção do sr. A.

expulsiões dos jesuitas  
Fernandes Thomaz)

pação intellectual e moral da sua patria.

—N'outros tempos, o fanatismo d'esses prelados liquidava-se com relativa facilidade—conforme a argu-

contra os jesuitas, escrevia ao nosso representante no Vaticano: aqui, em Lisboa, ha mais de cem mil cruzados de fina prata lavrada em Paris e de porcelana de Saxe. Poderei tambem



EDIT

*D'expulsion des Jésuites de tous les Etats de la Couronne de Portugal, dont l'Original est dans les Archives de la Tour de Tombo. Donnée au Palais de Notre Dame d'Ayuda, le trois Septembre 1759.*



*J'ai frappé ces Tyrans que chacun ait son tour  
La chute du Colosse est l'ouvrage d'un jour.  
Le succès est certain et la gloire immortelle!  
Lisbonne a l'Univers doit servir de modèle.*

1—Gravura comemorativa da expulsão dos jesuítas (Da collecção do sr. A. Fernandes Thomaz)  
2—O director do jornal reaccionario O Portugal, padre José Lourenço de Mattos

enviar-lhe alguns diamantes em bruto, que mandará lapidar; entretanto dir-me-ha se podem servir para cruzes, peitoraes etc.» Mas não—hoje repugnaria á nossa consciencia baixar a esse processo de combate. A luta de hoje tem de ser de idéas, contra idéas, o espirito liberal, emancipado de preconceitos, contra o espirito exclusivista, fechado na mais estreita intolerancia—e d'esse embate deassombrosa e altivamente procurado é que ha-de resultar o triumpho da obra de saneamento, de moralidade, que a consciencia publica nos exige. O que é preciso é que o conflicto se decida, impedindo que a nação ultramontana avassalle o Estado e o poder civil. Ella toma, com esse fim, as posições mais convenientes, começando por

cisamente á extincção do frade e do jesuita. Foi D. Pedro IV quem pelo seu proprio punho redigiu um decreto expulsando os frades de Portugal. E ninguém ignora que o actual rei D. Manuel II, é neto de Victor Manuel, que extinguiu o poder temporal do papa, e que sua mãe pertenceu á casa de Orleans, a qual expulsou do throno o clerical e fanatico Carlos X, que de joelhos, com o seu ministro

asseverar nos seus jornaes que é anti-monarchico quem for anti-clerical, quer dizer, quem combata o frade e o jesuita. O expediente não offerece novidade. Os jesuitas no seculo XVIII, antes da expulsão de Pombal, mercdejavam em viveres e vestuario como qualquer empresa mercantil. E como a Companhia do Grão-Pará lhes fizesse concorrência, declararam do pulpito que seria renegado da companhia de Christo quem auxiliasse a do Grão-Pará. O expediente é ainda o mesmo. Para conseguirem a imposição da sua vontade, tratam de convencer os crédulos e os ingenuos de que hostilizar as congregações religiosas, os jesuitas, é servir os inimigos das instituições—o que corresponde á affirmacão de que o primeiro duque de Palmella, Passos Manuel, Joaquim A. d'Aguilar, Anselmo Braamcamp, o Bispo de Vizeu, serviram os inimigos da monarchia! Ora eu penso, ao contrario dos jesuitas, que a monarchia tem como principal condição de vida o afervorar a tradiçãõ anti-reaccionaria da monarchia constitucional, que deve a sua existencia pre-





*Caricatura allusiva ao attentado contra D. José I, attribuido ás machinações dos jesuitas (Da collecção do sr. Annibal Fernandes Thomaz)*

*A Marquez de Tavora, B Marquês de Tavora C José Polycarpo, D Antonio Alves, E, Gabriel Malagrida, F, Duque de Aveiro, G, João de Mattos, jesuita, H, João Alexandre, jesuita, I, O rei de Portugal, ferido, e conduzido pelo seu anjo da guarda a casa do cirurgião regio, o que lhe fez evitar as outras emboscadas. Milagre da Providencia, que lhe salvou a vida. (Legendada em francez da estampa)*

Polignac, pedia a intercessão da Virgem contra as tentativas dos liberais do seu paiz. A mesma familia reinante da França deu notaveis figuras á Revolução, e entre ellas Luiz Philippe, quinto duque d'Orleans, a quem chamavam nas assembleás da Convenção *Filippe-Egalité*. O peor mal que se pôde fazer ao rei, no meu entender, é apresental-o, como querem aleivosamente os clericas, abrazado em fervores reaccionarios.

— E parece que assim é — atalhei, lembrando a facilidade com que congreganistas e jesuitas obtem mercês e regalias.

— Tudo isso significa principalmente o desleixo, a indifferença dos que deviam limitar-lhes a

esphera d'acção, e a condescendencia de certos bispos que lhes abrem as portas dos seminarios, que lhes facultam a escolha de compendios e a nomeação de professores, alguns dos quaes são estrangeiros ou doutorados em Roma — e tudo contra a lei que determina a inspecção do poder executivo n'esses estabelecimentos de ensino, que exige a approvação pelas instancias superiores e officias dos compendios a adoptar, que prescreve que os professores sejam de nomeação do governo sob proposta do prelado. A lei tem sido esquecida, e comprehende-se o alcance d'esse esquecimento, oscillando entre o desejo de formar um clero educado no respeito aos principios reaccionarios e o proposito de o submeter á absoluta sujeição a Roma, com desprezo manifesto dos legitimos direitos do Imperante. E o que de mais odioso sobrenada á superficie d'esta incurso abusiva pelos direitos alheios, é que, emquanto qualquer cidadão portuguez, para exercer o sacerdocio, é obrigado a pedir ao ministerio dos negocios ecclesiasticos uma licença, sujeitando-se aos emolumentos respectivos e contribuindo depois para o orçamento geral do Estado, os estrangeiros entram no nosso territorio, installam-se, dizem missa, usam da pizca, avassalam he-lam

ranças sem o encargo d'um real de emolumentos, sem a menor das obrigações impostas aos nacionaes.

— Mas como impedir esses abusos, essas prerogativas, sabendo-se, como todos sabemos, que a força dos clericas resurgiu entre nós com o caracter dominador d'epocas anteriores ao marquez de Pombal?

— Impedem-se, destroem-se mesmo, creio-o bem, pelo processo a que já me referi: — se os partidos liberais cumprirem o dever de restaurar e revigorar sin-



ceramente as leis de Pombal, Aguiar e Braamcamp.

Ao despedir-me do sr. conselheiro Alpoim referi-me aos odios, aos rancores que a sua nobre attitude lhe tem prodigalisado. Mas a face illuminou-se-lhe n'um vivo sorriso de satisfação e de confiança.

E foi com essa satisfação, com a firmeza d'essa confiança manifestando-se-lhe na voz e no gesto que asseverou de novo a maior sympathia pelo clero portuguez, por aquelle que é na sua egreja, no seio dos seus parochianos o conselho salutar, a prudencia previdente, o traço de união dos sentimentos de solidariedade e de harmonia entre homens e classes. Elle nunca combatera os prelados que repre-

sentam, na corrente historica e social da nossa nacionalidade, a descendencia legitima dos bispos libernas que soffreram com perseguições, affrontas, exilios, a sua dedicação ás idéas avançadas e progressivas.

D'esses não receia rancores ou inimizades — tem a certeza de que olharão até com agradecimento a intransigencia na defeza dos seus interesses, dos seus privilegios ameaçados pelas tentativas absorventes de extranhos. O rancor dos outros, dos reactionarios, será o maior contentamento para a sua consciencia de liberal...



SOUSA COSTA.



1— Projecto de um monumento a D. José e commemorando a felonias dos jesuitas (Da collecção do sr. A. Fernandes Thomaz)  
2— O Marquez de Pombal (Composição de Vanloo e Vernet, gravura de Carpinettus, allusiva á expulção dos jesuitas)

PORTUGAL ABERTO A TODOS OS EXERCITOS  
LISBOA ABERTA A TODAS AS ESQUADRAS!



Quando, ha tres annos, a Illustração Portuguesa, com o intuito patriotico de promover um movimento de opiniao contra o criminoso desleixo dos governos, publicou os sensacionais artigos Se rebentasse a guerra com Hespanha... foi accusada injustamente de falta de patriotismo por ter revelado lacunas de importancia capital nos servicos de mobilisação do exercito. Esses artigos, cujas intenções nitidamente patrioticas a maioria da officialidade do exercito portuguez reconheceu e applaudiu, teve a sua consagração official, pois o proprio ministerio da guerra promovia d'ahi a mezes as manobras do estado-maior no perimetro do triangulo estrategico da Guarda-Celorico-Trancoso, que servira á Illustração Portuguesa para a exemplificação pessimista da sua these. Hoje, com o mesmo desasombro, a direcção d'es-

ta revista vem revelar ao paiz uma verdade não menos angustiosa. Portugal, a despeito de um exercito valoroso, com uma officialidade distinctissima, e de uma marinha heroica, tem as suas fronteiras sem defeza e o porto da capital aberto á invasão da primeira esquadra de couraçados que lhe aponte os canhões.

Fundeu em Cascaes o torpedeiro numero 2...

Entrou em Peniche o torpedeiro numero 3...

Amarrou á boia o torpedeiro numero 4...  
Está mobilisada a esquadra portugueza!

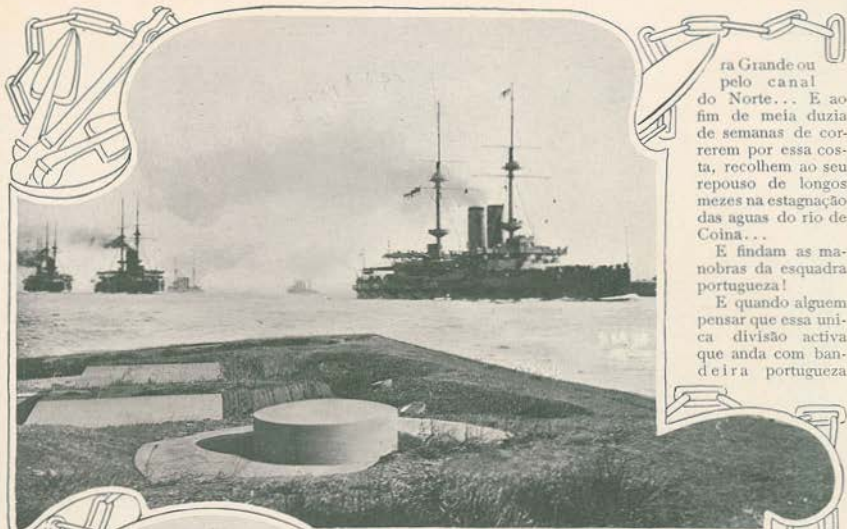


Separaram-se, juntam-se, entram barras de rebentação, prumam em surgidouros menos frequentados, formam em columna, da columna passam



Um velho torpedeiro para cada dez couraçados





ra Grande ou pelo canal do Norte... E ao fim de meia dúzia de semanas de correrem por essa costa, recolhem ao seu repouso de longos mezes na estagnação das aguas do rio de Coima...

E findam as manobras da esquadra portugueza!

E quando alguém pensar que essa unica divisão activa que anda com bandeira portugueza



*Frente a frente:*

- 1— A bateria de Caxias e um couraçado da *British Home Fleet*; 2— A 5.000 metros, os mais fortes canhões da bateria de S. Gonçalo não fariam d'um grande couraçado moderno, que poderia bombardear Lisboa a grande distancia da barra  
3— Um dos novos submarinos inglezes

por cima dos mares é formada de tres torpedeiros minusculos, tão antigos que o tenente que os trouxe de Inglaterra é ho e major general da armada, tão profundamente inúteis que não existem hoje em marinha alguma do mundo, terá a impressão de que ouve uma estridente gargalhada de sarcasmo, d'estas gargalhadas de som cortante com que tambem se chora!

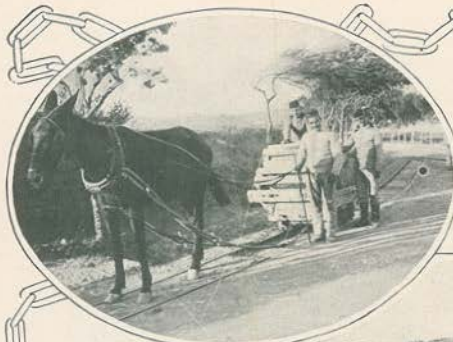
A unica divisão activa?... Activa e inactiva! Que mais existe hoje sobre as aguas em que se

ã linha, da linha á formatura em escarpa, furam com os whiteheads as redes das jangadas-avios, fazem detonar de encontro ás rochas da terra ogivas carregadas de algodão-polvora, apagam os phares e entram mysteriosamente, espreitados pelos projectores das baterias, pela Golada, pela bar-





UMA VISÃO DRAMÁTICA  
DE UMA BATALHA DO ATLÂNTICO LITORAL.



agita a nossa bandeira?  
Saneando, cortando pelo inútil, de ha uns annos para cá que tem subido á guilhotina exterminadora as duzias de madeiros sem valor, de velas



suas onze milhas com que as cavernas ameaçam partir-se, a sua successora de estaleiro com os calculos de um tecnico demonstraram n'uma revista da especialidade que se pode virar pelo simples esforço do vento, e esse legendario, inacreditavel e já universalmente apregado cruzador *D. Amélia*, que saiu de Lisboa no outono do anno passado a caminho do Oriente! Unica divisão activa, a dos torpedeiros?



1—No campo entrincheirado de Lisboa: conducção de projecteis para os grandes canhões  
2—A estrada militar conduzindo aos fortes duque de Bragança e S. Gonçalo  
3—Aspecto interior de uma das baterias do campo entrincheirado.

Activa e inactiva, pois nada mais existe!

Contudo, é preciso que o paiz saiba e que da consciencia d'essa verdade tire pezarosa conclusão fatal: *Portugal, com oito seculos de vida e a enraizada razào de ser da sua existencia,*

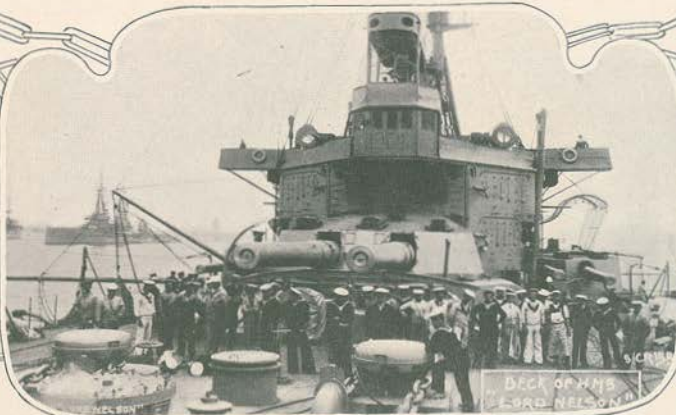
*não tem hoje garantia alguma, absolutamente nenhuma, que o possa preservar de ser sorvido no turbilhão da primeira desintelligencia europeia!*

De accordo que á Inglaterra convem a alliança portugueza. Convem á Inglaterra, convem á Alemanha, que nos acolherá naturalmente de braços abertos se nos bandearmos com ella, convem á Hespanha, que assim terá a fronteira occidental resguardada e falará com voz mais alta em nome da peninsula. Mas a alliança que convem é a de um Portugal que se defenda, de um Portugal que ajude e que não seja estorvo, de um Portugal que ofereça ao alliado as suas praias e os seus portos cheios de recursos e armados para sua garantia.

De que serve aos inglezes a posição dos Açores sem carvão, sem officinas, sem dokas e sem fortalezas? De que serviu a Cervera entrar em Santiago de Cuba, se o porto não estava abastecido de quanto lhe faltava e ao fim das semanas

e machinas de Watt, que fazem a nossa marinha do ultimo quarto do seculo. Vieram, ha uma duzia de annos, de estaleiros commanditarios dos credores dos nossos emprestimos, meia duzia de pequenos barcos, cruzadores de sexta

e setima classes e alguns sem cotação em marinha alguma, com que nós experimentamos de tempos a tempos pelas bahias do ultramar a acção corrosiva das aguas dos tropicos sobre a folha de Flandres. Escorregados do plano do nosso Arsenal tem ido tombar ao Tejo dois ou tres abortinhos que um theorico auctor de livros e mestre de altas sciencias em França se entreteve a desenhar nas horas em que dava treguas ao accumular dos contos de réis... E appareceram fluctuando defronte do Arsenal o *self-destroyer*, que pelas quatro chaminés deita a fumarada das



do bloqueio, quando deseperadamente se atirou para o mar, não tinha acabado de encher os paioes de carvão?

Um porto desarmado, entendendo por esse termo um porto a que falta algum dos requisitos de aprovisionamento, de reparação e de defeza de uma esquadra, é um porto completamente inutil para a guerra e que servirá apenas para abrigar os navios da esquadra belligerante de alguma borrasca do mar.

Troaram ha dias os canhões do campo entrincheirado de Lisboa no aviso annual que durante algumas horas dão ás esquadras inglezas de que existem para as defender. Que ninguem, n'este paiz ingenuo, conserve tambem a esse respeito a menor sombra de illusão, e não se accuse a *Illustração Portuguesa* de querer abrir os olhos aos seus patricios lançando o pobre paiz para o descredito, porque todos, á excepção de algum portuguez, sabem o que militarmente nós valemos! Ainda na *Illustração Portuguesa* ninguem sabia o que era o campo entrincheirado, e lá fora corriam edições completissimas de mapps de defeza maritima, em que até as desprezíveis defezas da barra do Douro eram

estruçadas e analysadas! E' aos portuguezes que o ignoram que nós dizemos que o campo entrincheirado é incapaz de defender o porto de Lisboa, e que os treze mil contos que a relativamente feliz defeza terrestre poude empregar até hoje levantando fortalezas modernas e quartéis modelares, intelligentemente distribuidos em posições efficazes, representam um esforço louvavel mas inutil d'este paiz pobre, porque se esqueceram muito singularmente de artilhar essas posições! Com effeito, não é mais do que tel-as desartilhadas guarnecel-as com o seu irrisorio armamento actual! As posições armadas da barra de Lisboa defendem Lisboa de uma esquadra como a portugueza, e não precisam para isso pôr em fogo mais canhões do que os canhões de pequeno calibre da bateria das Fontainhas. Mas como o nosso inimigo, seja elle qual fôr, ha de ser um bocado melhor armado, só se pode comprehender que se tenham artilhado da fôrma por que estão as fortalezas de Lisboa, na completa ignorancia das lições da lucta entre o canhão e a couraça. As nossas baterias de peças e de obuzes são absolutamente

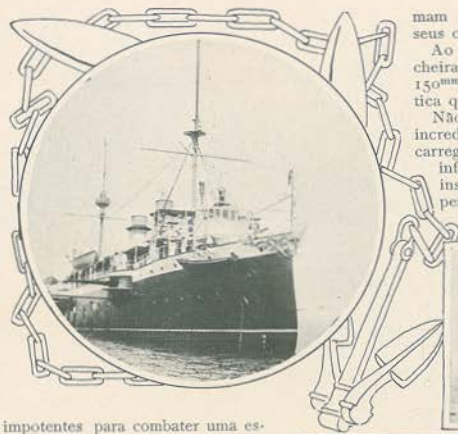


1—A torre de um grande couraçado: Fortaleza de ferro contra ortaleza de terra  
2—O aspecto que a officialidade da armada portugueza desejava que tivesse a estação de torpedeiros de Valle de Zebro

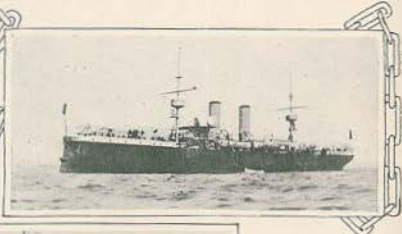
mam sem ser para se illudir, elevaram o calibre dos seus canhões costeiros a 406.<sup>mm</sup>!

Ao pensar que as nossas fortalezas do campo entrincheirado estão guarnecidas com o calibre maximo de 150<sup>mm</sup>, parece tornar a ouvir-se a tal gargalhada sarcastica que acolhia a noticia do nosso descalabro moral!

Não julgue a natural credulidade para o que é bom e incredulidade para o que é mau, que se torna preciso carregar algumas côres no quadro desolador da nossa inferioridade. E' a sciencia que fala, é a balística insophismavel e absoluta que mostra que o poder de penetração de uma bala de 150<sup>mm</sup>, na chapa de aço



impotentes para combater uma esquadra que se apresente a bloquear ou bombardear Lisboa. O tiro de bala, projectil perforante por excellencia, que nas baterias estrangeiras é dado em condições incomparáveis de superioridade, obriga os inventores a tentar ainda melhor-o, augmentando o movimento giroscopico do projectil para tornal-o eficazmente penetrante nas actuaes condições de espessura das couraças e de distancia dos combates modernos. As peças perforantes dos combates navaes não se afastam agora nunca dos grandes calibres; o *all big guns* tornou-se



de uma couraça, é respectivamente de 200, 115, 75 e 58 millimetros a 3.000, 6.000, 9.000 e 12.000 metros, precisando portanto as fortalezas da nossa barra de pedir aos couraçados, quem dia tenham a combater,

que se approximem a razar as praias para que as suas balas possam perfurar as couraças de nove pollegadas de espessura!

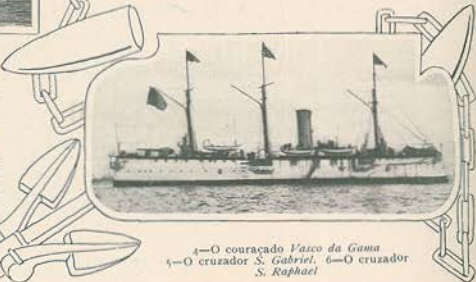
Na construção naval deu por emquanto a ultima palavra da artilharia o armamento do tipo *Minas Geraes*, attingindo os seus projecteis de grosso calibre um peso de 565 kilos, com uma velocidade inicial de 860 metros e uma energia de 21.308 dinamodos, com que se duplicou em poucos annos a energia do canhão allemão de 28<sup>cm</sup> e 40 calibres; mas como apezar de nós nos atermos fielmente a um calibre abandonado, nem todos pensam d'essa maneira e o crescimento da couraça e da distancia do combate se tem tornado imponente, ainda sem *Minas Geraes* sahir do estaleiro a fazer a sua viagem para o Brazil, já a «Bethlehem Steel



A esquadra portugueza

1—O cruzador *D. Amélia*

2—O cruzador *Adamastor*, 3—O cruzador *D. Carlo*, lei geral de todos os armamentos; applicam-se nos navios as torres dos canhões de 305<sup>mm</sup> e vêem-se os mais perfeitos modelos de construção naval, representados pelo couraçado brasileiro do tipo *Minas Geraes*, artilhar as suas torres com canhões de 343<sup>mm</sup>. E como é para combater as couraças que se artilham as posições em terra, os Estados Unidos, acompanhados de perto por todos os outros paizes que se ar-



4—O couraçado *Vasco da Gama*  
5—O cruzador *S. Gabriel*, 6—O cruzador *S. Raphael*

Company» creou e construiu um novo typo de canhão de defeza costeira, de 457<sup>mm</sup>

e 28 calibres, o qual imprime a um projectil de 907 kilogramas de póso a velocidade inicial de 685 metros por segundo, com uma energia de 21:738 dinamos, excedendo assim os canhões do couraçado brasileiro!

Portugal não é porém ainda, apesar de ter ritorialmente diminuído, a apregoada Riviera que vem de Cascaes pelos pinhaes do Estoril, e este formoso estuario do Tejo. Ainda que isso custe a confessar aos brilhantes estrategistas do Portugal moderno, o nosso pobre e desgovernado paiz, bem que macrocephalo e desproporcional para a sua capital, não está ainda reduzido á barra de Lisboa! As nossas fortificações, boas ou más, apesar dos taes mapas estrangeiros que ha longos annos já publicavam as defezas do Douro, é que pela direcção da defeza nacional tem sido todas concentradas em Lisboa.

Será um erro?

Ninguém pôde imaginar evidentemente que se vão gastar os treze mil contos do custo do campo entrincheirado, embora sem erro alguma na sua construção, em guarnecer de fortalezas cada um dos nossos portos desde Villa Real de Santo Antonio, com escalá por Portimão e Lagos, a bahia da Arrifana e a enseada do Baleal, até ao castello da Insua! Por mais fortalezas que se fizessem e mais multiplos de treze mil contos que se dispendessem havia sempre de ficar sem defezas uma praia de Tavira, onde o duque da Terceira desembarcou para vir tomar Lisboa, e uma praia de Lavos, onde um comboio de navios inglezes depôz em terra o exercito de Arthur Wellesley. E é por a historia



fallar d'essa maneira que ella vem confirmar n'esse ponto o raciocínio mais desapaixonado. Cerque-se Lisboa de fortificações devidamente guarnecidas, dê-se ao Tejo a segurança de que os nossos navios e os de uma potencia nossa alliada carecem imprescindivelmente de ter n'elle, mas que ninguém julgue que Portugal pôde prolongar a sua vida seja qual for o seu inimigo, emquanto á defeza da terra se não juntar a defeza do mar!

Nesta epocha de "Dreadnoughts" que custam dois milhões de libras pode parecer, deve mesmo parecel-o, a mais absurda das utopias a criação de uma marinha portugueza! E' incontestavelmente muito justificada essa maneira de pensar; mas o que ninguém, com verdade, pode negar, é que Portugal não tem marinha, porque o paiz, governantes e governados, não julga necessario que elle a tenha! Se houvesse a consciencia da sua necessidade, fosse qual fosse o sacrificio, fosse qual fosse a forma de o exigir, não se tinham arrastado os miseraveis annos do seculo passado e os do começo d'este na situação humilhada e indigna em que o nosso paiz tem tido as suas colonias expostas á ambição de todos e o Tejo escancarado ás offensas de quantas divisões navaes a França se lembrou de nos mandar ultrajar! Uma vez, entrando n'uma bahia deserta das nossas costas africanas, de uma das pequenas canhoneiras da estação avistaram com surpresa um mastro erguido na praia; desembarcou-se a investigar o que era; estava bem feito, com material de

um navio, e encimava-o como boria um objecto de uso domestico feito de ferro esmaltado e adejava ao vento, como bandeira, um farraço... seu digno companheiro; para que não restassem duvidas sobre a grandeza do insulto, encostada ao mastro estava uma taboa de madeira com uma inscripção que dizia ter sido levantado pela guarnição do navio de



1—Pygmeus alliados de Titans; Uma vista da esquadra ingleza fundeada no Tejo. 2—Os canhões de um grande couraçado inglez



por devaneio ou por convicção, anuncia reorganizar a marinha, o paiz todo clama, ou em voz alta ou intimamente, contra tal desperdício! E se se pensa em dotar Lisboa não só com fortalezas que a defendam, mas com um Arsenal onde possa reparar-se qualquer esquadra, esse sonhador é atacado como se pensasse ligar a terra á lua!

guerra\*\*\*, de tal nacionalidade. Tudo bem por extenso, para que não houvesse duvidas sobre a paternidade da injuria!

Se Portugal não tem marinha que o defenda de uma guerra e que o livre dos continuos enxovalhos que a Allemanha, a Inglaterra, a França, a Hespanha e a China sobre nós lançam, é porque o governo e o povo portuguez pensam de certo que se vive muito commodamente sem ella! Ha dinheiro, felizmente, n'este paiz para acudir a muitas outras necessidades... Que o emporio commercial que é Monção, ou o grande centro da economia nacional que é Mirandella, que o castello da Villa da Feira ou os negociantes de porcos de Santiago de Cacem tenham um caminho de ferro á sua porta, isso sim que é um problema vital para este paiz á beira da bancarrota! Quantos outros problemas de quejando alcance relegam para plano secundario o problema da criação da marinha, desde a ligação urgentissima e imprescindivel do Barreiro a Cacilhas, á construção de edificios monumentos para duzias de escolas, ás despesas de duzias de milhares de contos nas obras imperfeitissimas dos caes de Lisboa e á aquisição de cem mil espingardas e trinta e seis baterias de artilharia para o armamento de terra, contemplando justamente mas não com mais razão a outra arma mais feliz! Sómente quando alguém,

E tão profundo é o desprendimento geral por essa arma que se chama marinha, que se a razão da criação de um Arsenal em vez de ser um argumento de necessidade strategica fôr a simples ampliação da rua do Arsenal, o portuguez benemerito, amante do embelezamento d'este famigerado Caes da Europa, passará a considerar a utopia do sonhador como um problema do mais real alcance!



E' possível que seja Portugal, em desconcerto com todos os demais paizes, quem encare sob o mais justo aspecto o importantissimo problema do armamento nacional. Como costumamos ir avançados dos outros povos na realização das idéas humanitarias, levámos á pratica, quasi um seculo antes, a transcendente aspiração do desarmamento pela qual ancianram baldadamente os congressistas da Haya. Não se pôde dizer que tenhamos ganho muito com a experiencia. Temos tido firmeza na resolução; apesar de tantas razões visiveis a contra-indicarem, o nosso dominio colonial ainda enorme e espalhado por todo o mundo, a existencia da nossa costa maritima e dos nossos portos, as nossas pretensões a entrar em alianças europeas e a propria lição da historia que nos mostra a coincidência da decadencia nacional com a decadencia do poder maritimo, o nosso paiz tem sido firme na resolução humanitaria que

E' possível que seja Portugal, em desconcerto com todos os demais paizes, quem encare sob o mais justo aspecto o importantissimo problema do armamento nacional. Como costumamos ir avançados dos outros povos na realização das idéas humanitarias, levámos á pratica, quasi um seculo antes, a transcendente aspiração do desarmamento pela qual ancianram baldadamente os congressistas da Haya. Não se pôde dizer que tenhamos ganho muito com a experiencia. Temos tido firmeza na resolução; apesar de tantas razões visiveis a contra-indicarem, o nosso dominio colonial ainda enorme e espalhado por todo o mundo, a existencia da nossa costa maritima e dos nossos portos, as nossas pretensões a entrar em alianças europeas e a propria lição da historia que nos mostra a coincidência da decadencia nacional com a decadencia do poder maritimo, o nosso paiz tem sido firme na resolução humanitaria que



Diversos aspectos das baterias da barra de Lisboa

adoptou! Digno exemplo que o mundo inteiro tem contemplado e que povo algum teve ainda a coragem de seguir!

Desponta para a historia um povo novo, lá nos confins da Oceania. São quatro milhões de habitantes, alguns milhões menos do que este povo historico da beira-mar do Atlantico. E a Australia, ao dar os ultimos passos para ser nação, começa por armar uma marinha!

No norte da Europa, onde a fleugma e o bom senso dominam, vive um povo pratico, tão pratico, que ainda ha poucos annos vendeu por metal sonante algumas ilhas que tinha. A Dinamarca, que nunca deixou de ter marinha, acaba, pela voz do seu ministro Norgaard, de exigir um supprimento ás suas despesas

*troyers* e 45:000 para submarinos.

A Hespanha, nossa vizinha e nossa inimiga provavel de algum dia, acaba de fechar o contracto para a construcção de tres couraçados de 14:760 toneladas, oito canhões de 12 pollegadas, couraça de 9 pollegadas, 10 1/2 milhas de velocidade e 5:000 milhas de raio de acção; e completa o seu programma com a construcção de 4 canhoneiras, 3 *destroyers* e 24 torpedeiros e a remodelação dos seus tres arsenaes.

A Suecia consagra á marinha um orçamento de 1:474:000 £, completa 1 *destroyer* e 4 torpedeiros e encomenda mais 2 *destroyers* e outros 4 torpedeiros. Nos estaleiros de Gothemburgo está construindo um outro *destroyer* de 30 milhas, e não ha muitos dias



Ao que ficaria reduzida a esquadra portuguesa, com toda a sua heroica tripulação, se tivesse de defrontar-se com uma esquadra estrangeira?

de £ 2:300.000 para fortificações de terra e mar, construcção de vinte torpedeiros e seis submarinos, attendendo ao assombroso desenvolvimento do poder naval allemão!

A Grecia acaba de commetter o crime da revolta para exigir dos que a governam que a armem, para não soffrer mais humilhações, e sempre tem tratado do seu armamento mais alguma coisa do que nós, pois agora mesmo augmentou a sua esquadra com quatro *destroyers* que alcançam 32 1/2 milhas de velocidade.

A Noruega completa a construcção de dois *destroyers* e votou no orçamento do anno que correu 57:000 £ para a construcção de submarinos: não estacionando nunca n'essa marcha, destina, no orçamento do anno que entra, mais 42:000 £ para des-

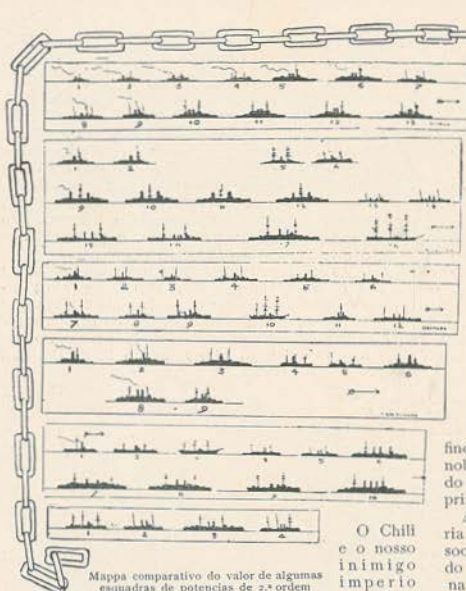
que vimos fundeado no Tejo um submarino que mandára construir em Italia.

A Argentina fez votar no seu parlamento a verba de 11 milhões de libras para construcções navaes e avançou para o rol dos grandes armamentos maritimos com a construcção de 3 *Dreadnoughts* e de 25 *destroyers*.

A Austria, ainda ha pouco na terceira ordem das potencias navaes, separou o seu ministerio da marinha do da guerra a que o tinham incorporado, e sob a instigação da alliada está dando cumprimento ao programma grandioso do almirante Montecucoli.

O Brazil termina em Inglaterra o seu programma, que comprehende 3 *Dreadnoughts*, 2 *scouts* e 10 *destroyers*.





Mapa comparativo do valor de algumas esquadras de potencias de 2.ª ordem

O Chili e o nosso inimigo imperio chinéz, cada um da

sua banda do Pacifico, recompõem, com *Dreadnoughts* as suas esquadras.

Os Estados Unidos tornaram-se em dez annos a segunda potencia naval do mundo, e para mostrar aos povos que estudam e aos povos ingenuos que a marinha pode levar a guerra onde um paiz o queira e que o naufragio de *Tsu-shima* não foi devido só a ficar o Japão lá tão longe, fez passear á volta da terra toda a sua poderosissima esquadra de vinte

e cinco navios, viagem para a qual só o carvão custou tres mil contos de réis, mostrando assim, aos povos refractarios á marcha do mundo, quanto pode a vontade de um povo!

Para quê amontoar mais exemplos? E' Portugal que não quer, é Portugal que obstinadamente fecha os olhos a esta verdade torturante para quem tenha a consciencia da miseria a que nós chegámos de que é o mar que dá vida ás nações!

Ha povos que nós admiramos, que nós citamos a torto e a direito, cujos erros foram parecidos com os nossos e que souberam erguer-se do nivel onde nós ainda jazemos. A Italia é o paiz modelo dos latinos, que o nosso povo contempla com sympathia e com espanto.

A Italia faz da grandeza da sua marinha ponto vital da sua politica e considera a defeza das suas costas por meio da marinha a maior razão da sua segurança. No verão do anno que findou o exercito e a armada italianas fizeram manobras combinadas em torno de Savona, e o partido vencedor esmagou o outro por lhe ter arrancado primeiro o dominio do mar.

As lições são de todos os dias. Ha-as na historia classica, ha-as na historia portugueza desde o soccorro dado aos sitiados de Lisboa pela armada do Porto em que Ruy Pereira perdeu a vida, ha-as na historia dos ultimos dias no naufragio em que a Russia se afundou.



Uma scena a bordo do *Dreadnought*



Explosão d'uma mina á entrada da barra de Lisboa

Portugal fecha os olhos e não quer vêr.

Que ao menos, quando um dia que ha de vir fatalmente, tomarmos no abysmo, o povo portuguez não accuse os que tenham por missão sacrificar-lhe a vida, de o não terem sabido fazer!

Este artigo não teve outra intenção que não fosse attrahir o interesse e a attenção do publico para esse problema vital da naciona idade portugueza. Oxalá que elle produza um effeito efficaz nos espiritos!



# AS NOVAS CASAS -HOTELS-DE-BERLIM



- 1—A primeira casa construída
- 2—A remessa do jantar a um inquilino
- 3—O chá no terraço
- 4—A cozinha commum de todos os moradores do prédio

(Châtes de CH. DELIUS)  
almoço ou o seu jantar, que um elevador lhe conduz ao quarto.

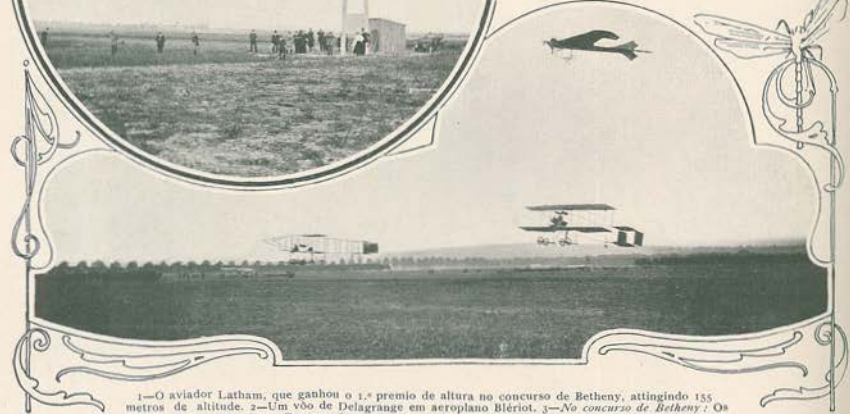
A grande novidade de Berlim são as novas casas construídas por uma sociedade, para alugar, oferecendo todo o conforto moderno e cujos telhados formam enormes terraços onde as crianças podem brincar e os moradores tomar banhos de sol e ar, mas tendo apenas uma cozinha, em que cada locatário encomenda o seu



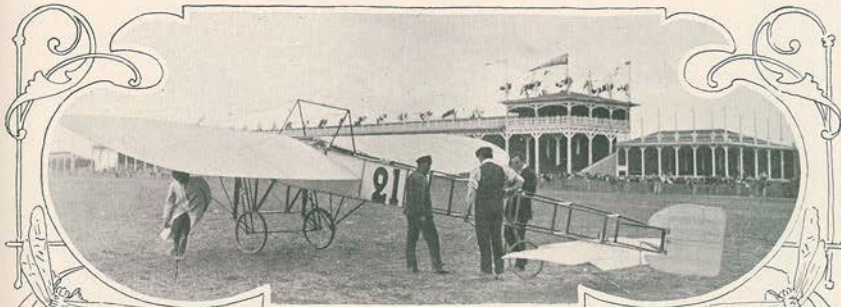
# O HOMEM VÔA!



A conquista do ar deve considerar-se já hoje um facto definitivo. E' com elle que o seculo actual inicia a serie de descobertas que está preparando nos seus laboratorios, e com que a sciencia, pelo que de antemão pôde assegurar-se, assombrará inteiramente o mundo. Nunca o pensamento humano ergueu tão alto a sua ambição, nem o seu plano de dominio sobre as forças da natureza sa o formulou o homem tão vasto



1—O aviador Latham, que ganhou o 1.º premio de altura no concurso de Betheny, attingindo 155 metros de altitude. 2—Um voo de Delagränge em aeroplano Blériot. 3—No concurso de Betheny: Os aeroplanos Farman, Sommer e Latham evoluçionando ao mesmo tempo



e absorvente como no nosso tempo. Os triumphos anteriores enaltecem-lhe o animo para maiores committimentos, para as mais audaciosas tentativas, e presentemente considera que tudo lhe é permitido. Agora mesmo, quando acaba de completar a tarefa, antiga e tão extensamente laboriosa, da conquista da atmospheria por meio do balão e do aeroplano, uma nova aspiração, mais atrevida, verdadeiramente extranha e singular, começa a nascer no seu espirito. O que o homem sonha n'este momento é em adquirir a faculdade de transportar-se aereamente de qualquer ponto para outro com a rapidez da flecha, mercê apenas de especiaes condições de disciplina do cerebro, que chegará mais tarde a converter a materia em ductil e docilissima forma, sujeita continuamente á acção plasmante da vontade. Ainda não alvoreceu idéa mais espantosa na imaginação humana, e, contudo, porque não ha de realisar-se este novo sonho? Tambem o balão e o aeroplano, como todos os descobrimentos e invenções que tem concorrido gradativamente para entregar a materia submissa nas mãos do homem, foram sonho antes de transformar-se em realidades, foram puras creações da phantasia antes que a razão as perfilhasse e a sciencia as corporisasse.

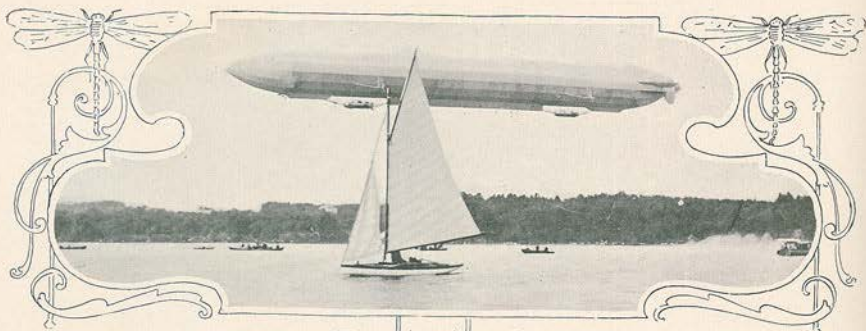
Emquanto taes vaticínios maravilhosos se não cumprem, o homem tem de contentar-se, para as suas viagens aereas, com os dirigiveis e os aeroplanos, cujos ultimos problemas conseguiu finalmente resolver, ao cabo de uma campanha porfiada e tenaz, que durou mais de um seculo; mas nem por isso dei-

xa de voar de facto, e sem correr já o risco de que o sol lhe derreta as azas metallicas como fez a Icaro. Os que conhecem o resultado das ultimas experiencias do dirigivel de Zeppelin e as façanhas praticadas durante o recente torneio de aviação de Bétheny, concordarão, sem duvida, em que nada exaggeramos. O homem sabe hoje voar, e dentro de pouco, como bandadas de aves, os aparelhos aeronauticos cruzar-se-hão nos ares, ligeiros e velozes, salvando montes, rios e mares, quantos obstaculos a natureza topographica do solo oppõe á marcha do homem. E não deixa de ser curioso notar que as duas escolas rivaes de aeronautica: a do mais leve que o ar, e a do mais pesado que o ar, pode dizer-se que triumpham ao mesmo tempo. A aerostação e a aviação, ambas demonstram, simultaneamente, a possibilidade de executar o velho sonho de viajar na atmospheria, e conquanto seja ao aeroplano que naturalmente se abre um futuro mais largo de applicação pratica, nem por isso o balão perde a sua utilidade especial.

Rapidamente vamos historiar as ultimas etapas, já attingidas este anno, ganhas algumas ainda ha poucos dias, da conquista do ar. O conde de Zeppelin realisou em 1890 as primeiras experiencias do seu dirigivel, que apresenta a forma de um cylindro, como mostram as photographias que acompanham este artigo. Esse enorme cylindro de aluminio, com mais de 120 metros de comprimento por um diametro de menos de 12, é dividido em dezesseis

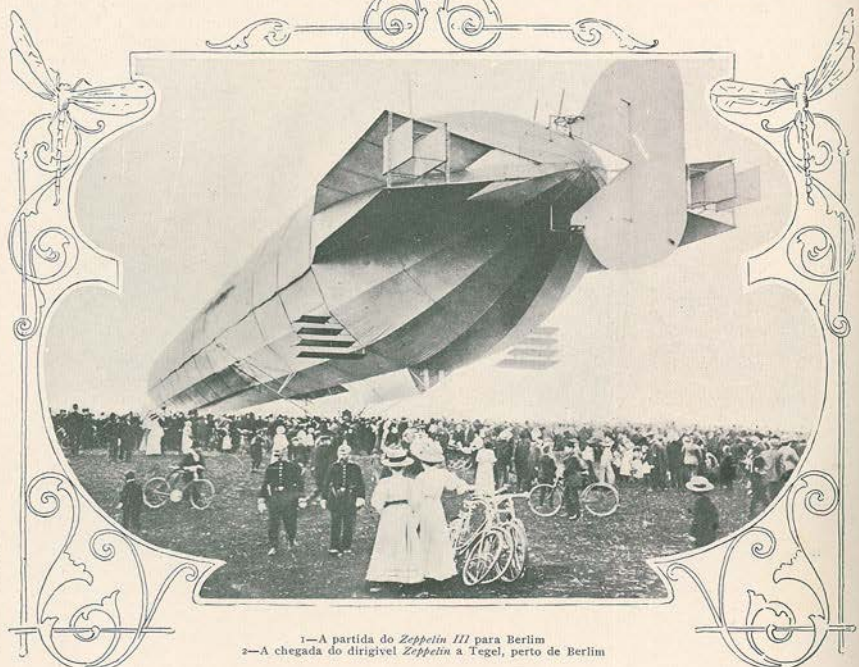


1—O monoplano de Blériot  
2—O aviador americano Curtiss, que ganhou em Bétheny o 1.º premio de velocidade



compartimentos ou alvéolos em que estão encerrados outros tantos balões cheios de hydrogenio, e tem suspensas duas plataformas ou barquinhas, que alojam, cada uma, um motor de petroleo, para accionar as helices propulsivas. Já o anno passado o *Zeppelin*, n'uma viagem memoravel, conduzindo uma duzia de passageiros, batera o *record* de todos os balões dirigiveis. A ultima experiencia realisada pelo transaereo allemão, no fim do mez passado, estabeleceu, porém, a sua consagração definitiva, apesar das peripecias da sua accidentada travessia de Friedrichshafen, onde tem o seu hangar, a Berlim. A admiravel descida do aeronauta no campo de

manobras de Tegel após uma tão longa viagem cheia de difficuldades, e depois de ter manobrado durante tres horas por cima da cidade, constituiu um espectáculo impressionante que despertou o entusiasmo da multidão. O balão, descrevendo uma elegante curva á entrada do bosque que limita o campo de tiro, dirigiu-se para o sitio destinado á *atterrissage*, circumscripção por um cordão de soldados, inclinando um pouco a ponta da frente. Uma badalada de sino indicou aos machinistas que deviam parar os motores. O grande navio aereo começou então a descer lenta e magestosamente. Um dos pilotos atravessou a ponte que reúne a barquinha ao corredor

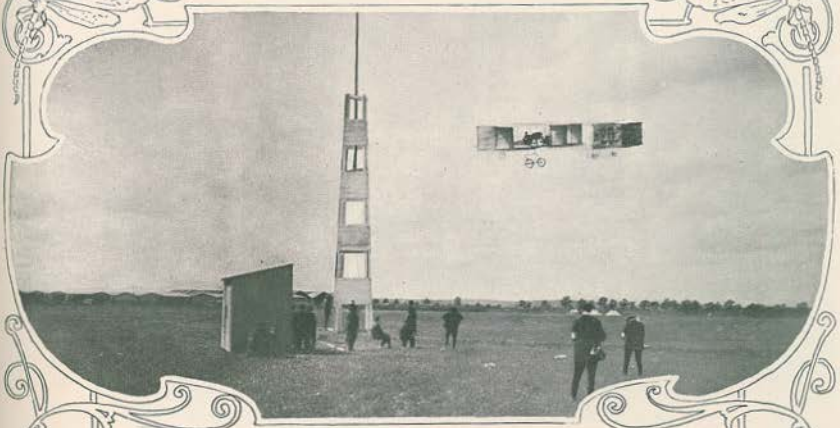


1—A partida do *Zeppelin III* para Berlim  
2—A chegada do dirigivel *Zeppelin* a Tegel, perto de Berlim

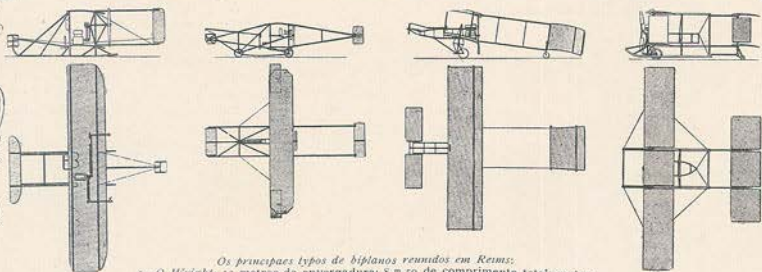


sob a protecção de um rebocador, para o caso de qualquer accidente. A quinze kilometros da costa ingleza o motor soffreu uma avaria e o apparelho caiu na agua, fluctuando sobre ella até que o navio de vigilancia chegou e o rebocou até Calais. Inteirado do glorioso fracasso de Latham resolveu Blériot intentar por sua vez a audaciosa empreza e, logo no mesmo dia, preveniu o *Daily Mail* da sua resolução. Effectivamente, seis dias depois partia de Baraques no seu monoplano e ia tomar terra em Dover, tendo realisado a travessia do canal em 38 minutos, ou seja á razão de um kilometro por minuto. Calcula-se o enthusiasmo que este bello feito aeronautico despertou, e foi sob a im-

existente de uma a outra extremidade do dirigivel e atirou um molho de cordas; os soldados apoderaram-se das amarras e fizeram avançar o *Zeppelin* até ao logar preparado para a sua ancoragem, enquanto uma musica militar tocava o hymno nacional. Estava tirada uma prova decisiva. O aeroplano dera-a antes com a famosa travessia do canal da Mancha, o arrojado vôo feito pela libellinha de Blériot do continente europeu para a ilha britannica. O *Daily Mail* promettera um premio valioso ao primeiro que atravessasse o canal, de um ponto do territorio inglez para o francez ou inversamente, em um apparelho mais pesado do que o ar. A 19 de julho Latham propôz-se realisar esse ariscado vôo no seu monoplano,



1—Blériot, o primeiro aviador que conseguiu atravessar a Mancha  
2—O dirigivel do coronel Reuard sobre o campo de Béthény  
3—Paulhan voando n'um aeroplano Voisin



Os principais typos de biplanos reunidos em Reims:

- 1—O Wright: 12 metros de envergadura; 8,™ 50 de comprimento total; motor de 30 cavallos; peso com piloto 425 kilos; superficie 48,™<sup>2</sup>  
 2—O Curtiss: 9 metros de envergadura; motor de 25 cavallos; peso com piloto 250 kilos; superficie 24,™<sup>2</sup>

pressão d'elle que se preparou o grande concurso de Reims, a chamada semana da aviação, que reuniu em Bétheny uma duzia de aviadores qualificados, um dos quaes vindo da America, e uma immensa multidão avaliada em cem mil espectadores.

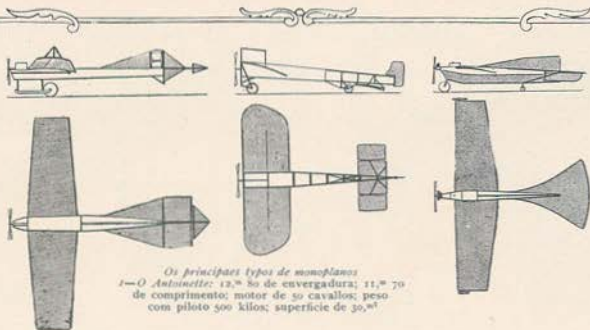
Na realidade, até agora os aviadores com *performances* sérias eram bem poucos, e deve confessar-se que os raros vôos de alguma duração pareciam ser apenas fortuitos. Não ha duvida de que prevalecia ainda um certo sceptismo, até nos espiritos mais inclinados e dispostos para a fé. Mas, esse espectáculo emocionante e suggestivo da apaixonada semana do Champagne conquistou, desde a sua

primeira jornada, o publico. Foi uma serie de experiencias decisivas, que espantaram, pelo seu successo inesperado e completo, as ultimas duvidas subsistentes. Desde este anno de 1909 começa o reinado do aeroplano, que dentro de alguns poucos annos transformará o mundo e modificará inteiramente as actuaes condições da vida economica e social. Estamos a poucos passos já de cumprir-se a prophacia formulada, com a sua intelligencia clara e o seu espirito positivo de mathematico, pelo professor Painlevé: «Antes de quatro ou cinco annos organisar-se-ha um serviço regular para a passagem do estreito. Depois será



Os principais typos de biplanos reunidos em Reims:

- 3—O Voisin: 10 metros de envergadura; 11,™ 50 de comprimento total, motor de 30 a 50 cavallos; peso com piloto 375 a 725 kilos; superficie 45,™<sup>2</sup>  
 4—O Bréguet: 12,™ 70 de envergadura 8,™ de comprimento; motor de 55 cavallos; peso com piloto 715 kilos; superficie de 51,™<sup>2</sup>  
 5—Farman no seu vôo de 3 horas (record do mundo)



*Os principais tipos de monoplanos*  
 1—O Antoinette: 12,80 de envergadura; 11,70 de comprimento; motor de 50 cavallos; peso com piloto 500 kilos; superfície de 30,47

atravessado o Mediterraneo. Mais tarde, enfim, aptos a fluctuar, proceder a reparações e voar sobre a agua, enormes passaros artificiaes planarão por cima da curva dos Oceanos.»

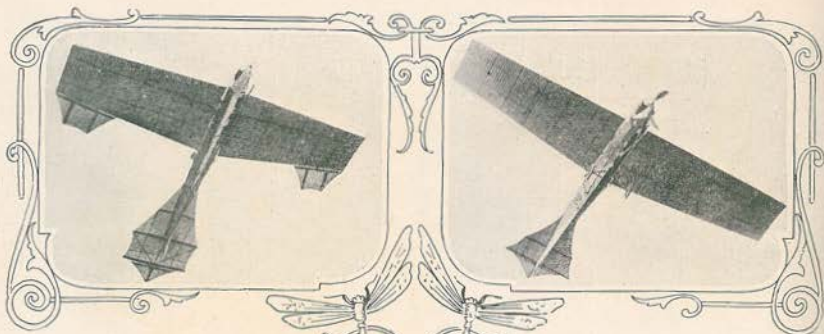
Procuremos, porém, dar uma idéa, rápida e incompleta, como não pôde deixar de ser, d'essa primeira reunião dos diversos campeões de aviação, realisada de 22 a 29 de agosto sobre a pista de dez kilometros traçada na planicie de Bétheny. Quasi todos os tipos de apparatus actuaes, quer de biplanos, quer de monoplanos, ali se apresentaram. Os nomes mais illustres da phalange aeronautica acudiram, com poucas excepções, ao convite da cidade de Reims. Os resultados de seme-

lhante prova excepcional não podiam deixar, pois, de revestir o mais elevado interesse. Eis como os resume uma testemunha d'esses oito admiraveis dias: «Seguimos durante duas a tres horas vôos de 140 a 190 kilometros; vimos Blériot e Curtiss cortar o ar á velocidade de 75 kilometros por hora; Latham planar a 155 metros de altura; Farman transportar dois passageiros durante 10 kilometros com a velocidade de 54 kilometros por hora. Pela primeira vez, enfim, aeroplanos e dirigiveis encontraram-se em presença. Com a sua attitude soberba de peixes preguiçosos, o encanto do seu involucrio amarello doñado, resplandecendo ao sol como ovos gigantescos cahidos do céu, a



*Os principais tipos de monoplanos:*  
 2—O Blériot: 8,60 de envergadura; 7,50 de comprimento; motor de 25 cavallos; peso com piloto 300 kilos; superfície 14,12  
 3—O Etnault-Pellerie: 10,50 de envergadura; motor de 35 cavallos; peso com piloto 460 kilos. 4—Latham evolucionando sobre o amphitheatro de Bétheny





Os dois aeroplanos de La-  
1-O Antoinette 23 ganhando o 5.<sup>o</sup>  
prêmio de distancia  
(111 kilometros)

tham vistos no zenith  
2-O Antoinette 29 ganhando o 2.<sup>o</sup> prêmio  
de distancia (154 kilometros) e o prêmio  
de altitude (155 metros)

elegante ligeireza da sua barquinha suspensa no ar como um balcão de fadas, o Colonel Renard e o Zodiac III, planando muito acima dos insectos de panno, pareceram um instante ser os reis do ar. Mas, quando se viram tres ou quatro aeroplanos borboletear á volta d'essas enormes massas de 1:400 e 4:000 metros cubicos, na apparencia tão lentas como magostas para se orientarem, teve-se a primeira demonstração solemne de que o balão mais aperfeiçoado nunca poderá vencer em leveza, e talvez até em velocidade, os aparelhos mais pezados que o ar.

O grande premio de 50 mil francos, destinado ao maximo de distancia coberto por um só vôo, foi ganho por Farman, que percorreu 180 kilometros em 3 horas e 4 minutos e 56 segundos. O primeiro premio de velocidade foi ganho por Curtiss, que preencheu os 30 kilometros marcados em 23 minutos e 29 segundos. Blériot ganhou o premio da volta da

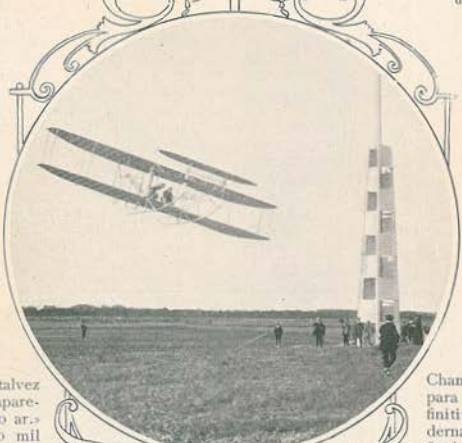
pista (10 kilometros), que realisou em 7 minutos e 47 segundos. A Latham, que se elevou a 155 metros, coube o premio de altitude, e a Far-

man o dos passageiros. O americano Curtiss conquistou ainda a taça internacional Gordon-Bennet e a taça Challenge.

Taes foram os resultados finais, bastante significativos d'esse extraordinario concurso de Reims, que constituiu um espectáculo inesquecivel para quantos a elle assistiram, e incutiui, essencialmente, uma radicação fé em todos os espiritos, no futuro da aviação. De facto, depois das admiraveis provas da gloriosa semana de

Champagne, já não ha motivo para duvidar do triumpho definitivo da aeronautica moderna. O homem conseguiu finalmente realisar o seu velho sonho de voar, a equal da ave. Com as azas artificias d'esses graciosos e elegantes aparelhos, que se parecem effectivamente com aves alguns, e outros com enormes insectos, elle domina o ar, evolucionando na atmosphera com a maior facilidade e em todos os sentidos, e é esta,

sem duvida, uma das mais notaveis conquistas que tem realiado. Mas, que grandes e estranhas coisas não conseguirá ainda o genio humano?!



3-Vôo de Lefevre em aeroplano «Wright». No dia 7 do corrente Letevre deu, em Juvisy, uma queda do aeroplano que pilotava, morrendo quasi instantaneamente.—Como está collocado o aviador nos diversos systemas de aeroplanos: 4—Curtiss: adiante das azas, 5—Blériot debaixo das azas, 6—Latham: acima das azas, 7—Farman: entre as azas  
(Clichés de CH. DELIUS)

PARFUM  
**FLORAMYE**  
L.T. PIVER  
PARIS



**GRATIS**  
**125 machinas**  
**tallantes**

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909 Remetiem-se catalo os e condiçoes a quemenviar uma estampilha de 25 reis á CASA SIMPLEX BICYCLETES

SCOS E MACHINAS PALANTES, de J. Castello Branco, Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo Anão, 32 e 34—LISBOA

**Madame** O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa



**Brouillard**

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroe, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos o acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

*Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:*

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

**Companhia do** 270, R. da Princeza, 276  
\*\*\*\* LISBOA \*\*\*\*  
49, R. Passos Manuel, 51 **Papel do Prado**  
\*\*\*\*\* PORTO \*\*\*\*\*

Installadas para uma produçao annual de cinco milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria a Velha).

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

End. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO  
PRADO — PORTO — LISBOA

Numero telephonico:  
508

Nouveau Parfum VIOLET  
 29, B<sup>d</sup> DES ITALIENS — PARIS  
**PRINCIA**

**HEMORROIDAS**  
CURAM-SE COM OS  
**SUPPOSITOIOS**  
**ADRENO-STYPTICOS**  
**MIDY**

**Omnicolor**  
PHOTOGRAPHIA CORES  
Societé JOUGLA

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL  
ANEMIA CÔRES PALLIDAS  
CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO  
Elixir de S. Vicente de Paula



Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL, CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.ª LISBOA 1200 reis o frasco franco porte em todo Portugal. PFLUILLE, Para\*, 2, Faub<sup>d</sup> S-Denis, PARIS

DISPONIVEL

**CASTANHEIRO L<sup>D</sup>**  
ARMADORES ESTOFADORES  
PRACA LUZ DE CAMOES 88 - LISBOA  
TELEF. 1346  
ENDERECO TELEGRAPHICO (CASTAL)

COMPREM AS  
**Sedas Suissas**

Preçam as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou cor, *Colleone, Cachemire, Sha-tung, Duchesse, Crêpe de Ch de, Côtelé, Messaline, Mousseline*, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as *bluses e vestidos bordados* em batiste, lá, tolle e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.**

**SCHWEIZER & C<sup>o</sup>**  
**Lucerne E 11. (Suissa)**

Exportação de sedas  
Fornec. da Côte R al

Representantes em Milão **BLANC FRÈRES**

17, VIA ARIOSTO

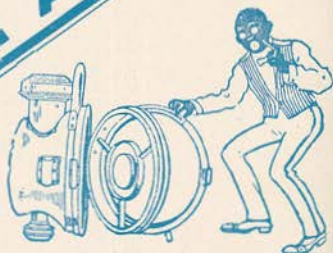
# Pharol dos Reis

PORQUE É O

## Rei dos Pharoos

Os melhores Pharoos  
SÃO:

# B. R. C. ALPHA



**RODRIGUES GAUTHIER & C.<sup>A</sup> 67, B<sup>D</sup> DE CHARONNE  
PARIS**

DISPONIVEL

DISPONIVEL

# Concurso de 1909

**O SEculo** organou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores.

**TOTAL 4:528 PREMIOS**

representados por objectos da maior utilidade para toda a gente. A sua distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

*Publicamos hoje mais um pedaço de um todo que vos dará a felicidade futura. Colloca-o na vossa caderneta de coupons e teres alcançado meio caminho para a fortuna.*

